



Leibniz e o chinês como língua universal¹

Cristiano Mahaut de Barros Barreto²
cristianombb@gmail.com

Resumo: O interesse de Leibniz pela possibilidade de uma *lingua universalis* que representasse diretamente o pensamento somou-se à introdução na Europa dos primeiros detalhes, ainda que escassos, sobre a exótica língua chinesa, para compor o fascínio do filósofo alemão sobre a China. A intrincada história da língua chinesa falada e escrita, na Europa, tem em Leibniz um protagonista, situado em um momento crucial para a *proto-sinologia*, no final do século XVII, ao mesmo tempo em que a admiração europeia pela China, por sua história e sua cultura abre, progressivamente, espaço para a decepção e para a crítica. A releitura de Leibniz das ideias de personagens tão díspares como Athanasius Kircher, Andreas Müller e Joachim Bouvet dá indícios de sua complexa relação com a língua chinesa que deixará uma herança duradora nas representações da cultura chinesa no imaginário europeu.

Palavras chave: Leibniz; língua universal; chinês; escrita; história das ideias linguísticas.

Abstract: Leibniz's interest in the possibility of a universal language that directly represents thought added to the introduction in Europe of the first, though scarce, details of the exotic Chinese language, to compose the fascination of the German philosopher about China. The intricate history of the Chinese spoken and written language in Europe has in Leibniz a protagonist, who is situated at a crucial moment for proto-sinology, at the end of the seventeenth century, the same time that the European admiration for China, for its history and culture gradually lost ground for disappointment and criticism. Leibniz's retelling of the ideas of scholars as disparate as Athanasius Kircher, Andreas Müller and Joachim Bouvet gives evidence of his complex relationship with the Chinese language that will leave a lasting impact in the representations of the Chinese culture on the European imaginary.

Keywords: Leibniz; universal language; chinese; writing; history of the language ideas.

Introdução

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) foi, entre outras atividades, um filósofo da linguagem e um incansável colecionador de dados linguísticos, tendo-se envolvido diretamente com as duas principais vertentes – a teórica e a prática – da linguística nos séculos XVII e XVIII.

1 O presente artigo foi escrito durante meu pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense - UFF, realizada com apoio parcial do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

2 Doutor (2015) na área de Estudos da Linguagem pela PUC-RJ, em estágio de pós-doutorado na UFF-Niteroi, atuando principalmente em: história das ideias linguísticas, filosofia oriental, filosofia da linguagem e chinês.

O interesse de Leibniz pela possibilidade de uma *characteristica universalis* que representasse exatamente o pensamento tem estreita relação com a chegada, pela primeira vez na Europa, de detalhes (ainda que escassos) sobre a exótica língua chinesa, o que atraiu prontamente a atenção do pensador alemão. Um dos primeiros filósofos de renome a colocar a China e o chinês no centro de seus estudos, assumiu posição quase que singular na história da filosofia europeia ao conjugar erudição, notoriedade, abrangência de interesses e admiração intelectual por tal cultura. Dada a limitação dos dados a que teve acesso, Leibniz certamente pode ser considerado um atento leitor da filosofia chinesa, capaz de compreender o pensamento chinês e sua evolução como poucos em seu tempo (Lach, 1945; Porter, 2001; Perkins, 2016).

Se, por um lado, Leibniz foi uma exceção, devido à sua mente aberta ao diálogo e ao seu interesse em outras formas de pensamento – situando-se assim à contracorrente da maioria dos pensadores da Europa do século XVII no seu arraigado e despudorado eurocentrismo – por outro lado, foi inegavelmente uma pessoa de seu tempo, não tendo ido (como não poderia) tão longe com seu radicalismo, à maneira de escritores posteriores, como Herder, Nietzsche e Wittgenstein. Os sinais de transição da Europa, no início da época moderna, mostram-se aparentes, portanto, em todo seu trabalho.

Leibniz foi um ávido escritor de cartas, tendo-se correspondido com centenas de pessoas na Europa e na Ásia. Interessa-nos aqui, mais especificamente, o tema da língua chinesa e como a visão de Leibniz sobre o assunto sofreu influência de personagens tão díspares, como Athanasius Kircher, Andreas Müller, e Joachim Bouvet, indicadores sua complexa relação com este tema.

Não podemos deixar de nos perguntar por que o chinês teria sido considerado um candidato a língua universal – que, por definição, deve ser acessível a todos – uma vez que seu estudo tenha se mostrado tão difícil aos europeus do século XVII. Além disso, sua gramática parecia carecer de estruturas sintáticas complexas, como as da língua alemã, aparentando estar mais longe de uma língua que refletisse as estruturas do pensamento (Aarsleff, 1982). Se a língua adâmica, um dos modelos mais comuns à época para a língua universal, era marcada por sua total clareza e simplicidade, como poderia-se considerar o chinês seu sucessor direto, tal como pretenderam alguns europeus?³

No cerne desta questão está uma das mais populares noções dos séculos XVII e XVIII sobre o chinês, a chamada *clavis sinica*, cuja recepção na Europa deu-se de maneira variada ao longo de sua conturbada história. Compreendido, inicialmente, como uma chave para a decifração mais rápida e direta da língua chinesa, possibilitando o aprendizado acelerado dos caracteres escritos e, consequentemente, de sua pronúncia, o conceito da mítica *clavis* modificou-se radicalmente, metamorfoseando-se em uma ponte especulativa entre a estrutura da escrita chinesa e o espelhamento das categorias de mundo através da linguagem.

A intrincada história das representações da língua chinesa falada e escrita, na Europa, passou, ao final do século XVII, por um momento crucial para a *proto-sinologia*, ao mesmo tempo em que a admiração europeia pela China, por sua história e por sua cultura cederam, progressivamente, espaço para a decepção e a crítica.

É neste contexto transicional que abordaremos no presente artigo a relação triangular entre Leibniz, a língua chinesa e o projeto da língua universal e mostraremos sua relevância para a consolidação das incipientes representações da China no imaginário europeu nos séculos XVII e XVIII.

3 Aqui aparece a influência direta do trabalho de John Webb (1611-1672) e sua proposta de tomar o chinês como língua original. Veja-se Ramsey (2001) e Mungello (1985, pp. 178-183). O livro de Webb chega ao conhecimento de Leibniz por volta de 1670 (Lai, 1982, p. 277).

Os projetos de uma língua universal

O século XVII foi particularmente rico em propostas relacionadas à ideia de uma língua universal e sua relação com a lendária língua original da humanidade perdida no tempo. O ambiente intelectual na Europa pós-renascentista, marcado pelo surgimento do chamado aristotelismo cristão, o foco nas ciências naturais, a explosão das línguas vernaculares europeias e o descobrimento de línguas tipologicamente distantes do indo-europeu, ofereceu um terreno fértil para este tipo de especulação.⁴

Os chamados “projetos de línguas universais” desenvolveram-se em diversas frentes e tomaram distintas designações. Encontramos, em latim, bem como em outros vernáculos, nomes, como *lingua universalis*, *characteristica universalis*, os *real characters*, de Francis Bacon (1561-1626), além de conceitos, como *língua primitiva*, *língua artificial*, *língua adâmica* e *língua filosófica*.

A diversidade de denominações reflete as diferentes motivações por trás de cada projeto, que podemos classificar heurísticamente como distribuídas em três grupos: práticas (comunicacionais, comerciais e secretarias); filosóficas (pesquisadas por autores, como Descartes e Leibniz); místico-religiosas ou cabalistas (que refletiria a mente hermética de Deus, a língua adâmica, identificada a estudiosos tais como Comenius, Boehme, entre outros).

Uma vez que tenhamos a intenção de qualificar o projeto específico de Leibniz, é importante contextualizá-lo de acordo com seus objetivos, influências e escolhas. Sugerimos, assim, que se mapeie essa diversidade por meio de dicotomias básicas: língua original e língua universal (muitas vezes confundidas); língua universal artificial e língua universal natural; língua universal e língua filosófica; gramática falada universal e escrita universal; e escrita hieroglífica e escrita picto-ideográfica.

Original versus universal

No primeiro destes pares, a língua original (ou primitiva) é aquela relacionada aos falares próximos das raízes da cultura greco-cristã, tais como hebraico, aramaico, grego, ou latim – línguas retomadas na tradição linguística renascentista e ligadas às noções nascentes de parentesco linguístico (Auroux, 1992). Sua fonte cristã remete à “língua adâmica”, que, embora “universal” por definição, não tem o foco voltado à comunicação entre todos (Adão estava só ao ser criado), mas à concepção da representação perfeita da mente de Deus no mundo. Portanto, a língua original traria em si uma estrutura especular da razão perfeita e, neste sentido, podemos nos referir a ela também como uma “língua universal” (Harris; Taylor, 1997).

A questão central sobre a “língua adâmica” recaía sobre a possibilidade de ela ter sido congelada (e, assim, suas estruturas e seu léxico refletir-se-iam sobre alguma língua ainda em uso), ou se ela precisaria ser reconstruída ou redescoberta. Tal problemática traz para esta época o início de reflexões mais sistemáticas sobre a mudança sincrônica das línguas, que se insinuaram no pensamento linguístico da Europa, especialmente, a partir do momento de decadência do latim (Lepschy, 2014). Desta forma, o conceito de “língua original” não se confunde ou se reduz àquele de “língua universal”.

Artificial versus natural

A segunda dicotomia está diretamente relacionada à primeira, uma vez que a questão da

4 Para mais detalhes, veja-se Aarsleff (1982, pp. 87-90); Lepschy (2014, pp. 163-165); Rossi (1960, pp. 201-238), Cohen (1954), Auroux (1992, pp. 226-238; pp. 407-423), Harris & Taylor (1997, pp. 109-124).

“língua original” aponta, necessariamente, seja para a evolução na direção de uma língua natural ainda em uso (visão *a priori*), seja para a necessidade de reconstrução artificial de uma língua universal (visão *a posteriori*). Os questionamentos sobre a linguagem, que já aparecem em Bacon e em Locke, parecem assinalar a fragilidade das línguas naturais como candidatas a língua universal, incentivando diversos autores – Leibniz, dentre eles – a pensarem no desenvolvimento de um sistema completamente artificial, *a posteriori*. Este foi o caso, por exemplo, da *Ars Signorum* (1661), do escocês George Dalgarno (1626-1687), considerada a tentativa mais bem acabada e sucedida de construir uma língua filosófica a partir de uma abordagem componencial; bem como da proposta de *Real Character* (1668), de John Wilkins (1614-1672), totalmente voltada para a escrita como caminho para a comunicação universal (Auroux 1992, p. 409-410; Lepschy 2014, p. 174-175).

Universal versus filosófica

Se motivações práticas produziram modelos tentativos de comunicação interlingual, a influência aristotélica e das *Ars Combinatoria* a partir da Renascença (Rossi, 1960; Mungello, 1985), reforçou aos pensadores europeus a possibilidade de uma linguagem que espelhasse a realidade, como teria sido a “língua adâmica”. Já em 1629, René Descartes (1596-1650) escreveu a Mersenne sobre a possibilidade de uma língua universal, um “sistema artificial, construído sobre os resultados da análise, rearranjando ‘todos os pensamentos que podem vir à mente humana’ em uma ‘ordem parecida com a ordem dos números’” (Lai, 1982, p. 269).⁵ Os projetos de língua filosófica estavam, portanto, estreitamente ligados à categorização racional do mundo, e o seu aspecto “universal”, no sentido de uma comunicação universal, surge apenas como uma consequência lógica (Auroux, 1992).

A ambição filosófica da expressão dos conceitos metafísicos e das operações lógicas de suas combinações através de uma linguagem matemática não só marcou as tentativas de Descartes, mas atingiu seu ápice em Leibniz (Aarsleff, 1982; Fletcher, 2011), como veremos mais adiante.

Gramática versus escrita

A despeito da influência empirista de Locke e outros, a Europa continental do século XVII foi fortemente marcada por uma atmosfera racionalista e mentalista, em que as línguas refletiam, idealmente, as estruturas racionais da mente, uma herança dos *modistae*, do século XIV (Harris; Taylor, 1997; Auroux, 1992). Estas estruturas “universais” poderiam em tese ser reproduzidas em uma gramática perfeitamente racional, produto de todas as gramáticas das línguas naturais expurgadas de suas idiossincrasias particulares. Todavia, conforme criticaram Bacon e Locke, entre outros, o problema da arbitrariedade do signo linguístico parecia uma barreira intransponível para o alcance dos conceitos últimos e mais básicos na categorização do mundo sem que se levasse em conta a convencionalidade associada a cada língua (Harris; Taylor, 1997).⁶

Um caminho alternativo extremamente prolífico – incentivado pela chegada das primeiras informações sobre a escrita chinesa na Europa, como veremos – propôs esquivar-se do significante fonético através da postulação da possibilidade de uma relação natural e perfeita de representação entre a escrita hieroglífica (ou picto-ideográfica) e as coisas do mundo. A escrita picto-ideográfica evitaria a arbitrariedade do signo linguístico e abriria espaço para a criação de uma “nova linguagem”, uma representação direta do mundo.

5 Todas as traduções de citações para o português no presente artigo são de minha responsabilidade.

6 Leibniz, como veremos adiante, trouxe em seu *Nouveaux Essais* uma resposta alternativa a Locke, oferecendo um modelo que une a motivação do signo e as relações entre os signos nas línguas.

Bacon foi um dos primeiros autores a chamar a atenção para a estabilidade da escrita frente aos erros e desvios da fala vulgar (Cohen, 1954; Hudson, 1994), e sua obra situou-se na origem dos debates sobre a característica universal “real” na escrita (Auroux, 1992; Cohen, 1954), já citando a escrita chinesa como possível candidata a um sistema de escrita que representasse diretamente, de forma universal, as coisas do mundo.

Hieróglifo versus picto-ideografia

Uma questão subordinada àquela que postula a escrita como representação universal versa sobre a forma como a realidade (o mundo) estaria refletida neste sistema. Um autor fundamental neste assunto e muito influente no pensamento europeu de sua época e de Leibniz, em particular, foi o jesuíta Athanasius Kircher (1602-1680), que se tornou célebre pelos seus estudos em egiptologia e que abordou vários problemas importantes de seu tempo, em particular a procura por uma língua universal (Szcześniak, 1952; Fletcher, 2011; Mungello, 1985). Kircher propôs que a escrita alfabética teria sido usada no cotidiano do Egito Antigo, ao passo que a escrita hieroglífica, superior à primeira, seria reservada a usos mais elevados. Os hieróglifos comporiam a “língua filosófica” de Kircher, mas no sentido hermético da expressão, como um meio para esconder do público, em geral, significados perigosos e grandes chaves filosóficas, algo que só estaria acessível aos iniciados. Veremos que Leibniz colocou-se frontalmente contra as visões de Kircher sobre a escrita hieroglífica aplicada ao chinês.

Leibniz e a língua universal

Leibniz foi um pensador polímata, de enorme reputação no seu tempo e muito influente em diversas áreas do conhecimento humano. Neste artigo, focamo-nos em dois temas que convergiram para reforçar a energia criativa de Leibniz: seus estudos sobre a língua universal e seu interesse pela língua e pelos costumes chineses.

A motivação universalista de Leibniz aparece em seu projeto com o intuito de criar uma ciência que abranja todo o pensamento humano, capitaneado por uma organização total e definitiva do conhecimento. Leibniz acreditava que a maioria das disputas filosóficas advinha do uso descuidado da língua comum, repleta de ambiguidades e ineficiências (Perkins, 2009), daí a necessidade de uma “língua artificial” (*characteristica universalis*) isenta destas idiosincrasias.⁷ Mesmo reconhecendo os problemas de arbitrariedade das línguas correntes e sua dificuldade e risco em expressar a razão universal, Leibniz foi profundamente antagônico ao pensamento empirista de Locke, mostrando-se otimista pela possibilidade de o homem acrescer continuamente seu conhecimento sobre o mundo, desta forma aproximando-se, gradualmente, de um conhecimento universal atribuído por ele a Deus.⁸

Em seus anseios classificatórios, Leibniz foi influenciado pelo franciscano catalão Ramon Llull (1232-1316), – pensador renascentista que, como foi típico em sua época, buscava a conciliação entre lógica e fé. Llull tornou-se notável por sua *Ars Combinatoria* (um método com base numerológica e simbólica), em que articulava elementos primários (as nove verdades específicas atribuídas pelo autor a Deus) com o objetivo de oferecer respostas às grandes questões de seu tempo.

7 O que Leibniz apontava como desvios e idiosincrasias Locke afirmava fazerem parte da essência da linguagem. Esta diametral oposição aparece claramente no *Nouveaux Essais* de Leibniz, como “resposta” do filósofo alemão ao *Essay on Understanding* de Locke.

8 Sobre as visões de Leibniz a respeito da linguagem e sua relação com a teoria epistemológica veja-se, por exemplo, Perkins (2009, pp. 163-177), Look (2013), Aarsleff (1982) e Auroux (1992, p. 449-450).

O influente trabalho de Athanasius Kircher sobre a criação de uma *polygraphia* (escrita que resolveria todos os mistérios e simbologias) em sua *Ars Magna* também foi totalmente calcado na *Ars Combinatoria*, de Lull (Mungello, 1985).

O imaginário matemático por trás da *Ars Combinatoria* de Lull exerceu grande fascínio sobre Leibniz, quando da sua leitura dos textos de Kircher,⁹ o que o levou a cogitar o desenvolvimento da “linguagem analítica da razão”, combinando elementos básicos do pensamento humano (Mungello, 1985; Swetz, 2003). Todavia, o objetivo de Leibniz – assim como o de outros autores, por exemplo, os ingleses Dalgarno e Wilkins – distanciava-se das pretensões dos pensadores herméticos, tais como Lull e Kircher, entre outros, considerados por Leibniz reacionários e voltados ao império decadente do escolasticismo (Fletcher, 2011).

Na concepção de Leibniz, a *characteristica universalis* seria composta por caracteres que denotassem conceitos básicos, sem significância filosófica, até que se apresentassem na forma de proposições, estabelecendo uma língua que fosse lida como fórmulas matemáticas, e não escrutinadas caractere a caractere, como nos hieróglifos de Kircher.

O neoplatonismo, tão fundamental para os autores “herméticos”, como Marsílio Ficino (1433-1499), Giordano Bruno (1548-1600) ou Kircher, não se assemelhava à visão teórica de Leibniz ou aos princípios da lógica indutiva e material da *Royal Society* e de seus autores (Hudson, 1994). Por outro lado, embora Leibniz se tivesse alinhado com Dalgarno e Wilkins na oposição a Kircher, o pensador alemão divergiu dos ingleses e da *Royal Society* nos detalhes de seu projeto para um “alfabeto do pensamento humano” (Perkins, 2009).

Leibniz tinha como propósito a construção de uma linguagem afeita ao cálculo analítico que possibilitasse aos filósofos desenvolver um raciocínio sobre tópicos diversos, como a metafísica e a ética, da mesma forma que os matemáticos (inclusive ele mesmo) calculavam áreas e quantidades (Harris; Taylor, 1997). Desta maneira, a abordagem de Leibniz tinha um componente *a priori*: a base no estudo das línguas existentes, em particular, o chinês; e outro *a posteriori*, calcado na análise de uma estrutura relacional que espelhasse uma gramática verdadeiramente racional e, fundamentalmente, matemática em sua natureza (Auroux, 1992). Assim, o alemão foi crítico da abordagem unicamente *a posteriori* de Wilkins e Dalgarno, que desenvolveram sistemas baseados exclusivamente em suas análises semânticas de mundo, sem preocupação com a relação entre a matemática e o desenvolvimento dos conceitos metafísicos ou com o importe das línguas naturais (Lai, 1982; Auroux, 1992).

Geralmente argumenta-se que Leibniz deu ênfase ao naturalismo e à motivação do signo com o apoio da via etimológica para procurar demonstrar que a arbitrariedade na formação das línguas seria um fator secundário. Em seu raciocínio, as línguas seriam todas derivadas da língua primitiva original e teriam origem nas necessidades naturais dos homens e, portanto, seriam construídas sobre este substrato universal¹⁰. A arbitrariedade advém do uso das línguas ao longo do tempo e das variações das raízes das palavras, muitas vezes, confusas e imprevisíveis. A conclusão de Leibniz foi que, se as línguas atuais ainda preservam um pouco de seu material antigo (primitivo

9 Mungello (1985) postula que a influência de Lull sobre o pensamento de Leibniz teria-se dado, primordialmente, através de Kircher. Para detalhes sobre a correspondência entre Kircher e Leibniz, veja-se Fletcher (2011, pp. 351-355).

10 Em carta endereçada a Hobbes, de 1677, o jovem Leibniz expôs seu conceito de expressão linguística e discutiu sobre a arbitrariedade do signo linguístico. Embora o pensador alemão admitisse que os caracteres (letras) eram arbitrários, seu uso e conexão não o seriam, uma vez que se baseariam em uma certa correspondência que formaria a base da verdade (Leibniz, 1989). Há, portanto, implícita uma motivação de ordem relacional, que possibilitaria a tradução entre as línguas (Perkins, 2009).

vo), a pesquisa histórico-comparativa, e em particular a etimologia, tomaria para si a função essencial de esclarecer o passado da humanidade e suas alegadas constantes universais (Aarsleff, 1982).

Por outro lado, ao aceitar a imperfeição e a idiosincrasia da mudança diacrônica linguística, Leibniz – um dos inovadores entre os pensadores europeus neste ponto – teve que, forçosamente aceitar a impossibilidade de encontrar sua *characteristica universalis* em alguma língua natural falada à sua época. O tempo seria responsável por tornar opacas as motivações naturais relacionais. Por estes motivos, Leibniz propôs que a língua universal possível deveria ser o produto artificial de uma mente humana mais madura, e assim se afastou da pesquisa filológica da língua original, aproximando-se da matemática como reflexo mais puro da razão universal.¹¹ De forma geral, Leibniz achava que era um mito a crença de que uma língua primitiva acarretasse, necessariamente, uma língua filosófica, embora essa posição nem sempre tenha sido clara em seus escritos (Lai, 1982).

Como já visto, Leibniz pensou não somente na comunicação universal, mas também em um sistema que ajudasse no desenvolvimento das especulações filosóficas. Ao contrário de Descartes, Leibniz acreditou que a língua universal ajudaria a resolver este tipo de questão e não que um sistema filosófico completo fosse pré-requisito para ela (Lai, 1982). A língua universal permitiria, por exemplo, eliminar os defeitos da linguagem e revelar, imediatamente, o significado das palavras (Lepschy, 2014).

Por meio da troca de cartas com La Croze, entre 1701 e 1702, Leibniz afirmou que sua *characteristica universalis* seria de dois tipos (Lai, 1982):

- aquela que serve ao propósito de representação, como o chinês, os hieróglifos egípcios, os símbolos astronômicos e químicos,
- aquela que serve ao propósito do raciocínio, como os números aritméticos e signos algébricos.

Os caracteres do primeiro tipo, que representariam diretamente as coisas do mundo, incluindo as escritas hieroglífica e chinesa, seriam limitados e não poderiam constituir uma *characteristica universalis*, em sua forma plena¹². Somente a linguagem matemática – que compartilha de forma exclusiva com a definição de *characteristica* o poder de criar e ampliar o conhecimento, – se constituiria a manifestação linguística do ideal leibniziano de ciência geral (Lepschy, 2014). Desta forma, Leibniz tentou simplificar o conhecimento através da combinação de algumas ideias relativamente simples, um “alfabeto do pensamento humano”, que pudesse ser manipulado aritmética ou geometricamente, como a expressão material do pensamento (Mungello, 1985; Perkins, 2004).

Embora, inicialmente, parecesse a Leibniz que a escrita não teria o poder de facilitar o raciocínio, ela já poderia ser considerada um patamar intermediário no caminho da *characteristica universalis*, ao menos viabilizando a questão da comunicação interlingual (universal) e da representação direta das coisas do mundo (do real). Para servir ao propósito do raciocínio, seria necessária a conciliação da escrita com a matemática, e foi exatamente para esta direção que se voltaram os estudos mais maduros de Leibniz sobre a escrita chinesa.

Leibniz e o chinês como língua universal

Em suas especulações sobre a *characteristica universalis*, Leibniz sofreu influência direta não

11 Um dos primeiros pensadores a fazer uma proposta nesta direção, influenciando diretamente Leibniz, foi Bacon (Mungello, 1985).

12 Todavia, como veremos, Leibniz consideraria, mais tarde, que os caracteres chineses poderiam sim serem usados para construir uma *lingua universalis* (Mungello, 1985).

somente de especialistas na língua e cultura chinesas, como veremos a seguir, como também de filósofos europeus, como Bacon, que mesmo antes de Leibniz já olhavam a escrita chinesa como séria candidata à escrita universal.

Foi no século XVI que começaram a chegar à Europa as primeiras informações sobre a China, trazidas pelos missionários que começavam a se estabelecer no Império do Meio. As informações chegadas a Europa eram inicialmente muito limitadas e, desde então, cristalizou-se no imaginário europeu uma representação da língua falada e escrita chinesa, que permaneceria extremamente arraigada e influente pelo menos até o século XIX.

De maneira geral, podemos destacar uma curta lista de características atribuídas à língua falada e escrita chinesa que se consolidou à época:¹³

- gramática simplificada, seguindo uma ordem natural, sem marcas gramaticais artificiais,
- um caractere = uma palavra falada = uma coisa representada (mundo),
- fala (fonologicamente pobre) e escrita (inúmeros caracteres), claramente difíceis de aprender. Particularmente, a escrita não é difícil somente aos estrangeiros, mas também aos próprios chineses,
- escrita que representa diferentes línguas faladas;
- escrita iconográfica, embora com aspectos claramente não icônicos.

É evidente a importância dada pelos europeus à escrita chinesa, em comparação com a atenção que tinham sobre sua própria escrita. A intercomunicabilidade através da escrita chinesa foi um dos aspectos mais marcantes para Bacon, entre outros e continuará a exercer uma enorme influência sobre o imaginário europeu.

Às peculiares características da língua falada e escrita da China, somaram-se informações acerca de sua antiguidade, gerando a necessidade de se repensar a história do mundo considerando a inserção da civilização chinesa (Kley, 1971). Não só por sua antiguidade, mas também pela riqueza cultural, pelas realizações tecnológicas e pela ideia de um regente iluminado (oposto ao caos político da Guerra dos Trinta Anos), a história chinesa marcou profundamente a Europa do século XVII e, em particular, aquele que seria um dos pensadores europeus mais argutos sobre a China de seu tempo, Gottfried Wilhelm Leibniz (Perkins, 2016; Florentino Neto, 2016).

O pensador alemão considerou, conforme escrito em seu prefácio à *Novissima Sinica*, que os chineses superavam os europeus na filosofia prática, adaptando-a ao uso dos mortais, com o objetivo de manter a tranquilidade pública e a ordem social. A filosofia onívora de Leibniz motivou-o a trazer para seu próprio sistema filosófico aspectos que lhe interessavam no pensamento prático chinês, o que influenciou sua decisão de cogitar o chinês como modelo de língua universal.¹⁴

A relação próxima de Leibniz com os jesuítas e o apoio a sua política de acomodação (Lach, 1945; Mungello, 1982; Florentino Neto, 2016) abriu-lhe espaço para que tivesse acesso ao que de mais atualizado existia na Europa em relação ao conhecimento sobre os chineses, informações estas trazidas regularmente pelos viajantes missionários. Embora nunca tivesse ido à China, Leibniz

13 Para detalhes a respeito da construção do saber sobre a linguagem chinesa no século XVII, veja-se Auroux (1992, pp. 299-312); Mungello (1985); Porter (2001); Tong (2008); Hutton, (2008) e Alleton (1994).

14 Adicionalmente, não podemos esquecer a importância do patrocínio do Rei da Prússia e Eleitor de Brandemburgo aos estudos de Leibniz. Friedrich Wilhelm I (1688-1740) sonhava com a possibilidade de criação de uma Companhia das Índias Orientais alemã para sua expansão marítima. Por isso incentivou o desenvolvimento de estudos relacionados e da coleção de livros sobre a Ásia Oriental, na biblioteca do Eleitorado, que rivalizaria com as maiores da Europa no assunto (Mungello, 1985).

mantinha contato epistolar com alguns dos mais famosos sinólogos europeus de sua época, com os quais aprendeu o pouco que se sabia sobre a língua e os costumes chineses, tendo demonstrado um raro poder de conceituação e entendimento sobre um povo, o qual conhecia apenas por meio de fontes secundárias e extremamente limitadas. Destacamos, a seguir, três autores que foram particularmente importantes na formação dos conceitos de Leibniz sobre a língua chinesa e sobre sua articulação com o projeto da *characteristica universalis*: Andreas Müller, Christian Mentzel e Joachim Bouvet.

Andreas Müller (1630-1694) foi um personagem algo misterioso, ávido leitor da *China Illustrata* de Kircher, e que gozou de boa reputação entre seus colegas a despeito das limitações de seu conhecimento sobre o chinês (Mungello, 1985). Müller publicou, em 1674, um anúncio intitulado *Inventum Brandenburgicum sive Andreae Mulleri Greiffenhagi, Praepositi Berlinensis, Proposito super Clave sua Sinica* e foi considerado o primeiro proponente da *clavis sinica* (Porter, 2001), atraindo a atenção de Leibniz. Diante da complexidade da escrita chinesa, Leibniz mostrou-se incrédulo ao fato de que os chineses pudessem manter um sistema tão complicado, sem regras claras de derivação e composição, ainda que tais regras se tivessem perdido no tempo (Perkins, 2004). O pensador alemão acreditava que a recuperação de tal chave estaria ao acesso de uma genialidade exclusiva aos europeus, única capaz de desvendar os mistérios da escrita chinesa.

O principal contato entre Leibniz e Müller deu-se através de uma carta de 1679 com quatorze questões, enviada por Leibniz a um intermediário – Johann Elsholz, médico da corte de Berlim – para que este a transmitisse a Müller (Mungello, 1985). Esta carta evidencia a crença de Leibniz na possibilidade de êxito da *clavis* para compreensão da escrita chinesa e dá indícios sobre os conceitos do filósofo alemão em relação à língua universal.

A seguir, apresento uma tradução minha, adaptada do original e de duas traduções para o inglês, das quatorze questões de Leibniz (Leibniz, 2006, p. 728-730):¹⁵

1. Se tal *Clavis* é infalível e certa, da mesma forma que lemos nossas letras *a*, *b*, *c* e os números, ou se por vezes torna-se necessário um pedido de ajuda, como muitas vezes acontece na leitura de hieróglifos.
2. Já que a escrita chinesa, como é bem sabido, entende-se não com base nas palavras, mas sim através dos objetos, então gostaria de saber se os caracteres são sempre constituídos de acordo com a natureza do objeto [nomeado].
3. Se toda a linguagem é baseada em alguns elementos comuns fixos, ou em um alfabeto básico a partir do qual os outros caracteres são desenvolvidos.
4. Se objetos imateriais são expressos a partir daqueles materiais ou visíveis.
5. Se a escrita chinesa foi construída pela arte humana, ou se, como a fala em geral, ela desenvolveu-se e mudou através do uso.
6. Se a língua falada chinesa também foi criada pela arte humana e se ela carrega uma determinada chave.
7. Assim, se Herr Muller sustenta que os chineses não conheçam a chave de sua própria escrita.
8. Se ele pensa que esta escrita poderia ser introduzida de forma fácil e benéfica à Europa.
9. Se aqueles que criaram esta escrita compreendiam a natureza das coisas e agiram racionalmente.
10. Se os caracteres representam objetos naturais como animais, plantas e pe-

15 Para duas traduções para o inglês e discussão, veja-se Lai (1982, p. 273-275) e Mungello (1985, p. 199-200).

dras, de modo refletir em si [ou seja, em na estrutura gráfica dos caracteres] as diferentes características deste objetos.

11. E [consequentemente] se, e em que medida, alguém aprende sobre natureza de objetos através [da estrutura gráfica dos] dos caracteres.

12. Se alguém que tivesse esta chave poderia entender tudo escrito na língua chinesa não importando a matéria envolvida.

13. Se alguém que tivesse essa chave, também poderia escrever algo em chinês, e se o que foi escrito seria compreendido por um chinês letrado.

14. Se vários chineses e pessoas com conhecimento razoável da *Clavis* recebessem um texto (como, por exemplo, o “Pai Nosso”) para traduzir palavra por palavra para o chinês, se seriam suas traduções tão semelhantes que alguém sem familiaridade com a escrita chinesa, comparando-as, chegaria a conclusão de que elas são essencialmente iguais (Leibniz, 2006, p. 728-730).

As perguntas de Leibniz dão indícios de seu conhecimento e focos de interesse. Fazendo referências aos números, podemos destacar os seguintes pontos: (2) se a escrita chinesa é baseada nos *real characters* de Bacon, com uma motivação gráfica, e não na palavra falada; (3) se a ideia da construção da *lingua universalis* é composicional, a partir de elementos básicos; (5) se a escrita chinesa é artificial ou não; (6) mais especificamente sobre a língua falada chinesa, se ela também é artificial; (7) se os critérios da organizam a escrita chinesa não são usados de forma consciente; (9) se estes critérios são racionais; (11) se a forma gráfica dos caracteres informa algo sobre o objeto representado (similar à questão (12)). Por fim, as questões 12 a 14 tratam da eficiência da chave enquanto ferramenta interlingual.

Fica claro, pelas perguntas de Leibniz, que ele não considerava a *clavis* apenas uma ferramenta de leitura do chinês, mas também uma mistura de tradutor universal perfeito e possível espelho racional (e, provavelmente, artificial) sobre a natureza das coisas. E que através dela se poderia compreender o objeto nomeado. Trata-se, assim, de propósitos muito ambiciosos. Em nenhum momento, Leibniz afirma que a chave revelaria uma escrita hermética, como o fizeram Kircher, Ficino e outros.

Como não recebeu o que considerava remuneração pelos seus esforços, Müller recusou-se a revelar a sua “chave” e nunca respondeu a Leibniz, acabando por queimar seus escritos sobre o assunto, pouco antes de morrer em 1694, para grande decepção deste.

Christian Mentzel (1622-1701) lançou em 1685 o curto livro *Sylloge minutiarum lexicis latino-sinici-characteristici*, um dos primeiros léxicos chineses publicados na Europa. Em 1697, dezoito anos depois das perguntas feitas a Müller, Leibniz recebeu uma carta de Mentzel onde afirmava, como Müller havia feito antes dele, ter descoberto a *clavis sinica*. Leibniz mostrou-se animado com a nova perspectiva e logo respondeu a Mentzel. Todavia, este ficou doente, tendo morrido pouco tempo depois, e a resposta a Leibniz acabou sendo escrita por seu filho, Johann Christian. Este relatou as dificuldades do pai em publicar o novo livro, que seria intitulado *Clavis Sinica, ad Chinesium Scripturam et Pronuntiationem Mandarinicam*, do qual enviou a Leibniz somente a dedicatória e o prefácio.

O livro concebido por Mentzel teria 124 tabelas com caracteres chineses, diretamente baseadas do *Zihui* 字彙 (1615), obra com 33.179 caracteres, do período *Ming*, compilada por *Méi Yingzuò* 梅膺祚 (Auroux, 1995, p. 444).¹⁶ O *Zihui* foi o primeiro avanço lexicográfico de base

16 O aspecto inovador do *Zihui* parece ter sido fundamental para trazer a atenção de Mentzel à classificação dos radicais (componentes dos caracteres chineses) de base semântica, em um período em que os dicionários chineses da

semântica na China depois de um longo período e procedeu a uma grande simplificação e racionalização no grupo dos radicais, além de introduzir o princípio de ordenação dos caracteres, de acordo com o número de traços, – prática usual até a atualidade (Norman, 1988). Tal classificação exerceria grande impacto sobre Mentzel, que a teria considerado como provida de alguma significância semântica, ao invés de um tratar-se de um mero critério de apoio organizacional (Mungello, 1985).

Desta forma, as cartas de Leibniz para Mentzel e seu filho mostram a continuidade de seu interesse e crença na *clavis*, além de evidenciarem a percepção do caráter semântico da escrita chinesa, na Europa, como caminho para chegar a tal “chave”.¹⁷ A confiança na possibilidade de criação de uma *clavis sinica* elaborada pelas mentes europeias iria acompanhar Leibniz até o fim de sua vida.

Leibniz e o jesuíta Joachim Bouvet (1656-1730) trocaram um total de pelo menos quinze cartas, entre 1697 e 1707. Bouvet deu a entender a Leibniz que acreditava ser possível a análise completa dos caracteres chineses, uma vez que existiria uma conexão racional entre eles que permitiria seu aprendizado e uso, embora negasse conhecer a natureza exata de tal conexão. Há indícios de que foi com base nas informações que colheu de Bouvet que Leibniz começou a ter um entendimento mais sofisticado e nuançado dos caracteres chineses (Mungello, 1989). Foi na troca epistolar com Bouvet que Leibniz deixou mais clara a sua opinião sobre a distinção entre a escrita chinesa e os hieróglifos egípcios.

Quando a escrita hieroglífica egípcia praticamente monopolizava a atenção dos europeus sobre a possibilidade de uma escrita que abdicasse da fala, Leibniz foi um dos primeiros não-sinólogos de reputação a reverter essa prioridade¹⁸, focando-se progressivamente nas especificidades da escrita chinesa, em particular, ao final de sua vida e após o contato com Bouvet (Mungello, 1985). Para Leibniz o chinês apresentava características que o colocavam em clara vantagem comparado ao hieróglifo egípcio: uso interlinguístico (supostamente) comprovado, estrutura de caracteres (aparentemente) mais racional, sofisticada e menos pictórica que os hieróglifos. Estas características levaram Leibniz a pensar os caracteres chineses como compondo uma escrita mais “filosófica” do que a egípcia (Perkins, 2004).

Entretanto, a maior contribuição de Bouvet para moldar a visão de linguagem de Leibniz está ligada ao interesse do francês no clássico chinês *Yijing* 易經 – o *Livro das Mutações* – e à aproximação feita por Leibniz da escrita chinesa ao seu modelo de “números reais” (cálculo numérico inventado pelo alemão).

Bouvet foi figurista¹⁹ e hermético. Acreditava que em qualquer povo, olhando-se para trás encontrar-se-ia um ponto em que o “nascimento” da civilização se desprenderia da tradição judaico-cristã. Os figuristas viam na China uma história e cultura singulares e argumentavam que a escrita chinesa era hieroglífica, no sentido de que seus caracteres ocultariam verdades cristãs secretas. Para Bouvet, os trigramas do *Yijing* – que o francês considerava o mais antigo texto chinês e de todo o mundo – eram não somente a chave para a língua chine-

época *Ming* eram muito influenciados por esquemas classificatórios fonéticos.

17 Se assumirmos que o princípio de Mentzel para uma *clavis* seria partir da organização semântica dos radicais dos caracteres chineses, o europeu estaria apenas retomando uma linha de estudo que já tinha uma tradição na China datada desde a época *Hàn* (206 a.C.-220 d.C.).

18 A evolução do conhecimento de Leibniz sobre o chinês não ocorreu sem percalços. Em carta para Bouvet, de 15/02/1701, o alemão perguntou ao jesuíta francês se a chave para a escrita chinesa daria-se através dos “caracteres radicais a partir dos quais todos os outros sejam formados [...e se] esses radicais poderiam ter sido similares a hieróglifos” (Florentino Neto, 2016, p. 57).

19 Sobre o Figurismo, veja-se Lee, 1991 e Mungello, 1985.

sa, mas a verdadeira chave de todo o conhecimento (Mungello, 1985).

Bouvet sentiu-se esperançoso ao ver em Leibniz a possibilidade da confirmação matemática para suas especulações figuristas, assim como o alemão viu no jesuíta uma rica fonte de informações e a oposta confirmação (Swetz, 2003). Bouvet ofereceu a Leibniz um texto de autoridade histórica que mostrou ampla similaridade com suas tentativas de desenvolvimento de uma linguagem com base matemática (Mungello, 1985). Leibniz ficou particularmente impressionado com a precisão que se poderia conseguir por meio deste sistema.

Apesar do alinhamento de interesses, os dois pensadores tinham, no fundo, visões muito diferentes: enquanto Leibniz via no chinês a base de um projeto de língua artificial para o futuro, Bouvet concentrava-se no passado; se Leibniz percebia representações pictográficas e ideográficas nos caracteres, Bouvet vislumbrava os mistérios escondidos por trás da interpretação simbólica da escrita hieroglífica.

A última carta de Bouvet a Leibniz datou de 1702 e, mais tarde, o alemão ainda escreveria mais cinco cartas, todas aparentemente sem resposta. Os estudiosos especulam se o silêncio do jesuíta teria sido devido às suas diferenças em relação a Leibniz, ou a fatores relacionados à sua carreira (Lai, 1982, p. 295; Mungello, 1985, p. 326; Swetz, 2003, p. 287). Em suma, a discussão entre Leibniz e Bouvet jamais chegou a um termo. O alemão nunca recebeu o dicionário de chinês, tantas vezes solicitado ao jesuíta, e, em última instância, também não obteve sucesso prático em sua tese do chinês como língua/escrita universal.

Quase 15 anos após receber a última notícia de Bouvet e já muito próximo ao final de sua vida, Leibniz escreveu em 1715 a famosa *Lettre sur la philosophie chinoise* à M. de Rémond, em que deixou clara a sua crença de que os europeus, devido a seus conhecimentos científicos e espírito de análise mais avançados, poderiam oferecer aos chineses o caminho para que descobrissem sua própria antiguidade e desvendassem os mistérios da China Antiga:

Il y a bien de l'apparence que si nos Européens étaient assez informés de la littérature chinoise, le secours de la logique, de la critique, des mathématiques & de notre manière de nous exprimer plus déterminée que la leur, nous ferait découvrir dans les monuments chinois d'une antiquité si reculée, bien des choses inconnues aux Chinois modernes, & même à leurs interprètes postérieurs tout classiques qu'on les croie. C'est ainsi que le R. P. Bouvet & moi nous avons découvert le sens apparemment le plus véritable selon la lettre des caractères de Fohi fondateur de l'empire, qui ne consistent que dans la combinaison des lignes entières & interrompues, & qui passent pour les plus anciens de la Chine, comme ils en sont aussi sans difficulté les plus simples (Leibniz, 1748, p. LXVIII).

Na visão de Leibniz, foi a aritmética binária que o teria possibilitado desvendar os segredos contidos no *Yijing*, e que teria sido usada pelo próprio Fu Xi, criador da escrita chinesa e primeiro imperador da China:

De sorte qu'il paraît que Fohi a eu des lumières sur la science des combinaisons [...] Mais cette arithmétique ayant été absolument perdue, les Chinois postérieurs n'avaient garde de s'en aviser. Et ils ont fait de ces caractères de Fohi je ne sais quels symboles & hiéroglyphes, comme on a coutume de faire quand on s'écarte du véritable sens ; & comme le bon père Kircher a fait par rapport à l'écriture des obélisques des Égyptiens, où il n'entendait rien. (ibid., p. LXVIII).

Este seria o pensamento que predominaria na Europa nos séculos seguintes e, em certos aspectos, até a atualidade. A escrita chinesa, por sua predisposição a uma representação natural, seria a mais conveniente base para uma língua universal, mas o que parecia faltar nela seria um princípio racional subjacente (Auroux, 1992). Nos séculos vindouros, a sinologia de inspiração ocidental continuaria à procura deste princípio racional em suas tentativas de oferecer uma explicação final

e convincente à escrita chinesa.

O dilema de Leibniz

Uma revisitação às representações construídas por Leibniz, às suas visões sobre a língua chinesa e a seu projeto particular de língua universal sugere uma pergunta crucial: como o interesse de Leibniz por uma *characteristica universalis* marcada pela precisão matemática e claramente artificial poderia espelhar-se na língua chinesa, tão distante dos atributos de uma língua filosófica?

Pelo que vimos até agora, nesta época o chinês era considerado demasiado pobre fonológica e gramaticalmente para que possuísse uma estrutura que refletisse a realidade do mundo. Portanto, é evidente que as especulações que ligavam Leibniz ao chinês como candidato a língua universal passavam por sua escrita. Em *Nouveaux Essais*, Leibniz (1921, p. 346) escreveu:

Je crois qu'encore d'autres marques pourraient faire cet effet: on le voit par les caractères des Chinois; et on pourrait introduire un caractère universel fort populaire et meilleur que le leur si on employait de petites figures à la place des mots, qui représentassent les choses visibles par leurs traits et les invisibles par des visibles qui les accompagnent, y joignant de certaines marques additionnelles convenables pour faire entendre les flexions et les particules. Cela servirait d'abord pour communiquer aisément avec les nations éloignées [...].

Nesta passagem, o autor destacou a capacidade de representação da escrita chinesa, sem afirmar que a escrita chinesa tivesse a capacidade de gerar deduções em sua língua filosófica, algo que nunca fica totalmente claro em sua obra. Sua troca epistolar com Bouvet é inconclusiva a respeito do que seria uma possibilidade mais concreta de aproximar a escrita chinesa de sua análise numérica.

A ideia de uma comunicação interlingual estava diretamente ligada à superação da barreira do arbitrário na conexão entre sons e significados, superação esta que Leibniz e outros pensadores contemporâneos identificavam na notação matemática²⁰. Se nas línguas vernáculas, a relação entre som e significado e a inter-relação entre os signos tendem à arbitrariedade, na escrita ideográfica, pelo menos, a relação entre caractere e significado permanece motivada (natural). Adicionalmente, a escrita chinesa parecia operar sob algum tipo de princípio (icônico) que a estruturasse e, assim, garantisse uma inter-relação motivada entre os caracteres. Descrever este princípio era o enigma a ser desvendado pela *clavis sinica*.

Como vimos, Leibniz foi um opositor direto de Locke ao defender a possibilidade do signo linguístico motivado. Usou exemplos onomatopéicos e chegou a apelar para o simbolismo das letras, tendo visto na etimologia o caminho para recuperar sinais da regularidade e motivação semântica da linguagem, dentro do acaso e das idiossincrasias das línguas naturais (Aarsleff, 1982). Todavia, tais especulações, como boa parte de seu pensamento, não formavam um todo coeso e coerente e o autor pareceu ter-se dado conta de que havia fronteiras mal demarcadas entre o arbitrário e o natural. Tomamos outra passagem do *Nouveaux Essais* (Leibniz, 1921, p. 226), onde à voz que Leibniz dá para sua leitura de Locke (que no texto aparece representado pelo personagem Philalèthe – amigo da verdade) o alemão retruca com sua posição de viés naturalista sob o nome de Théophile (Aarsleff, 1982, p. 64):

Philalète: Maintenant les mots étant employés par les hommes pour être signes de leurs idées, on peut demander d'abord comment ces mots y ont été

²⁰ Embora os significantes numéricos sejam também arbitrários, Leibniz, como vimos (nota 11), estava fundamentalmente preocupado com sua motivação relacional. Neste aspecto, a linguagem matemática é completamente estruturada, segundo as considerações de Leibniz a respeito das leis universais da lógica.

déterminés; et l'on convient que c'est non par aucune connexion naturelle qu'il y ait entre certains sons articulés et certaines idées (car en ce cas il n'y aurait qu'une langue parmi les hommes), mais par une institution arbitraire en vertu de laquelle un tel mot a été volontairement le signe d'une telle idée.

Théophile: Je sais qu'on a coutume de dire dans les écoles et partout ailleurs que les significations des mots sont arbitraires (ex instituto), et il est vrai qu'elles ne sont point déterminées par une nécessité naturelle; mais elles ne laissent pas de l'être par des raisons tantôt naturelles où le hasard a quelque part, tantôt morales où il y entre du choix. Il y a peut-être quelques langues artificielles, qui sont toutes de choix et entièrement arbitraires, comme l'on croit que l'a été celle de la Chine, ou comme le sont celles de Georgius Dalgarnus et de feu M. Wilkins, évêque de Chester. Mais celles qu'on sait avoir été forgées des langues déjà connues sont de choix mêlé avec ce qu'il y a de la nature et du hasard dans les langues qu'elles supposent.

É diretamente relevante ao nosso tema o fato de Leibniz ter usado exatamente o chinês – modelo de sua língua universal – e os sistemas desenvolvidas por Dalgarno e Wilkins, como exemplos de línguas artificiais e inteiramente arbitrarias.

A relação de Leibniz com a representação na linguagem parece apontar para o otimismo e para o desejo de ordem que marcaram o pensamento do filósofo alemão, e que contrastam com a impossibilidade de sistematizar inteiramente os desvios e idiosincrasias característicos das línguas naturais. Por isso seu fascínio pela possibilidade de um sistema artificial totalmente controlado, espelho da razão e do real. De qualquer forma, o que se desenha aqui é a marca e a origem do dilema sobre a língua chinesa: se, por um lado, os signos, em um sistema universal de comunicação, necessariamente têm uma relação motivada com as ideias representadas, por outro, os sistemas existentes – ressaltando-se a escrita chinesa – e mesmo os artificiais propostos à época (Dalgarno, Wilkins e outros) careciam claramente desta relação natural, além de serem marcadamente arbitrários, ou, no mínimo, terem perdido sua motivação com o passar dos séculos.

Neste contexto, a ideia da *clavis sinica* representa uma solução europeia ao dilema de Leibniz e daqueles que procuraram eliminar a complexidade aparente do chinês, revelando suas estruturas essencial presumidamente matemáticas e racionais. No pensamento de Leibniz (e de outros à sua época), seria necessário o gênio europeu para decifrá-lo. Entretanto, para a grande decepção de Leibniz, seus contatos com Müller, Mentzel e Bouvet acabaram mostrando-se infrutíferos. Eventualmente, o fracasso em identificar uma chave levou os estudiosos do chinês a considerar que separação entre a escrita (não fonêmica) e a fala chinesa fosse precisamente uma fonte de equívocos e ambiguidades (cada “palavra-sílaba” tem uma multiplicidade de significados) e um fator de desqualificação desta língua. Leibniz mesmo, sem o apoio da *clavis*, não acreditou no chinês (falado) como futura *lingua franca*, exatamente devido à sua pobreza fonológica (Lai, 1982). Este é um ponto que tornar-se-ia protagonista nos desenvolvimentos posteriores da sinologia na Europa, quando o chinês perdeu seu papel protagonista no pensamento europeu (Mungello, 2013).

Conclusões

O século XVII foi fértil em condições que estimularam a procura por uma língua universal – um projeto complexo que procurou satisfazer a várias demandas linguísticas, filosóficas e mesmo teológicas, na Europa do Iluminismo. Entre os autores que especularam essa possibilidade, Leibniz foi singular em sua tenacidade e esperança de unir o projeto da língua universal com a recém-redescoberta língua chinesa na Europa. Enquanto os hieróglifos egípcios praticamente monopolizavam a atenção dos europeus sobre a possibilidade de uma escrita picto-ideográfica, Leibniz foi um dos

primeiros não especialistas em China a reverter essa prioridade (Mungello, 1985). Todavia, a avaliação de Leibniz sobre a adequação do chinês como *characteristica universalis* mostrou-se cambiante e fragmentária ao longo de sua vida.

Através de suas correspondências e manuscritos, notamos que Leibniz focou-se, quase que exclusivamente, na escrita chinesa (e não, em sua fala) e na procura de uma ordem para a aparente complexidade de sua picto-ideografia. E nisso está sua maior contradição: ser arbitrária e, ao mesmo tempo, uma representação das coisas do mundo. Resolver essa arbitrariedade tornou-se uma preocupação central para o filósofo alemão.

Inicialmente, Leibniz discordou de autores como Kircher e viu na dificuldade e na arbitrariedade do signo escrito chinês uma barreira intransponível para que a língua se tornasse candidata viável a língua universal. Porém, seu evidente caráter icônico – tão explorado nos primeiros estudos sobre o chinês no século XVII – mostrava-se promissor na indicação de algum tipo de ordem subjacente.

A ideia da *clavis sinica* surge, nessa época, praticamente como a salvação dos estudos sobre a língua chinesa: sua descoberta possibilitaria explicar como os chineses adotaram um sistema tão complexo e, ao mesmo tempo, abriria as portas ao acesso a uma representação natural de mundo. Ao acreditar que seria necessário o pensamento filosófico europeu para encontrar a chave perdida pelos chineses, Leibniz reproduziu a crença da superioridade da capacidade analítica dos europeus de seu tempo (Lach, 1945). Ainda assim, embora a *clavis sinica* resolvesse a questão da representação, não parecia (e as perguntas para Müller deixam isso claro) que a escrita chinesa pudesse ajudar no processo de raciocínio e servir como *characteristica universalis* (objetivo do pensador alemão). Além da relação signifiante/ significado, importava ainda mais para Leibniz a sistematicidade da relação *entre* os signos. Somente por meio da troca epistolar com Bouvet e da suposta língua matemática dos trigramas do *Yijing* que Leibniz teria acreditado encontrar o elo perdido entre a escrita chinesa e os padrões da aritmética binária.

Todavia, Leibniz recusou as hipóteses de Kircher e Bouvet de que a escrita chinesa fosse hieroglífica, ou seja, motivada por princípios herméticos. Ao final de sua vida, o filósofo alemão passou a acreditar que a escrita chinesa era uma invenção humana (do mítico Fu Xi), uma escrita artificial redutível a certos elementos básicos que juntos formassem uma escrita completa, que tornasse o chinês passível de análise numérica. Porém Leibniz, já mais idoso e sem informações mais precisas, não conseguiu levar esta ideia adiante com uma solução prática (Lai, 1982).

A história, aqui esboçada, entre Leibniz e o chinês mostra-nos que não devemos falar de uma única e coesa visão leibniziana sobre a língua chinesa e sua adequação como *characteristica universalis*. O conhecimento e as ideias de Leibniz sobre a língua chinesa escrita e falada sofreram muitas correções de rumo ao longo de sua vida. Os comentários de Leibniz sobre a linguagem e a língua chinesa, em particular, encontram-se em diversas anotações, cartas, textos etc., muitos nunca publicados. Não formam um todo coerente, e qualquer tentativa de organizá-los não passa de uma tentativa, sempre marcada por algum grau de arbitrariedade (ibid.).

Leibniz foi um pensador polêmico, um racionalista em choque com Descartes, um universalista com uma proposta radicalmente perspectivista na sua teoria das mônadas, um ardoroso admirador dos chineses para os quais contudo negou o conhecimento teórico e especulativo da matemática, um pensador aberto ao diálogo intercultural, mas também com marcas do eurocentrismo. Conhecido como o “último gênio universal” (Look, 2013), Leibniz, no momento transicional em que a Renascença dialoga com a Modernidade, somente poderia ter pensamento igualmente complexo e paradoxal sobre o chinês e a escrita chinesa (Clarke, 1997, p.48).

Em última instância e de maneira dolorosa para seu protagonista, o triângulo Leibniz/

chinês/ língua universal foi, marcado pelo insucesso: “*In spite of the fascinating connections, Leibniz never made significant use of the Chinese language for his characteristic*” (Perkins, 2004, p.145). Dessa maneira, após Leibniz, a escrita chinesa carrega a marca do fracasso de sua aceitação como candidata à língua universal, pois, por definição, esta deve ser sistemática e racional, ao contrário do que os europeus viam nos milhares de caracteres chineses. Embora tenha permanecido como foco central dos trabalhos de divulgação dos chamados *philosophes* na Europa dos séculos XVIII e XIX (Mungello, 1985; Lee, 1991, Mungello, 2013 e Clarke, 1997, p.43), a escrita chinesa seria progressivamente relegada a um plano secundário nos estudos cada vez mais detalhados sobre o chinês e sua gramática (Mungello, 1985; Auroux, 1992; Tong, 2007; Paternicò, 2009 e Mungello, 2013).

O insucesso do modelo de Leibniz é o espelho do fracasso para a sinologia da escrita chinesa enquanto picto-ideografia. Se a ideografia fracassou, então – supuseram a nova geração de sinólogos, a partir do século XVIII – será na gramática e na representação fonética da fala na escrita que encontrar-se-a uma ordem necessária, uma nova *clavis sinica* (sem este título) para decifrar o chinês: um projeto moderno e científico de linguística universal.

A tentativa malograda de Leibniz não desmotivou, portanto, a procura por métodos de se estabelecer uma língua universal. Ao contrário, o perspectivismo e as motivações relacionais do filósofo alemão seriam considerados, de forma secundária, em prol do protagonismo outorgado ao seu universalismo. Os motivos de seu fracasso foram relacionados ao seu julgamento equivocado acerca da motivação do signo linguístico e, em última instância, reverteu-se ao modelo aristotélico dominante, do signo arbitrário e da escrita epistemologicamente inofensiva. Os objetivos declarados de Leibniz, entretanto, permanecem pujantes na linguística. Como escrevem Gadet e Pêcheux (2010, p. 21), “do esperanto às línguas lógicas, os linguistas não param de procurar a nova língua universal capaz de reproduzir o milagre de uma Pentecostes científica: Babel reencontrada.”

Referências

- AARSLEFF, H. 1982. *From Locke to Saussure: essays on the study on language and intellectual history*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ALLETON, V. 1994. ‘L’oubli de la langue et l’invention’ de l’écriture chinoise en Europe. *Études Chinoises*, v. 13, n. 1-2, printemps-automne,.
- AUROUX, S. 1995. *Histoire des idées linguistiques (tome 1)*. Liège: Pierre Mardaga Editeur.
- _____. 1992. *Histoire des idées linguistiques (tome 2)*. Liège: Pierre Mardaga Editeur.
- CLARKE, J.J. 1997. *Oriental Enlightenment: The Encounter between Asian and Western Thought*. London and New York: Routledge.
- COHEN, J. 1954. “On the project of a universal character”. In: *Mind*. v. 63, n. 249, pp. 49-63.
- FINDLEN, P. (Ed.) 2004. *Athanasius Kircher: The last man who knew everything*. New York and London: Routledge.
- FLETCHER, J. E. 2011. *A study of the life and works of Athanasius Kircher, ‘Germanus Incredibilis.’* Leiden and London: Brill Publishers.
- FLORENTINO NETO, A. 2016. *Escritos de Leibniz sobre a China*. Campinas: Editora Phi.
- GADET, F; PÊCHEUX, M. 2010. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. 2ª ed. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Editora RG.
- HARRIS, R; TAYLOR, T. 1997. *Landmarks in linguistic thought*, v. 1, London and New York: Routledge.
- HUDSON, N. 1994. *Writing and european thought 1600-1830*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUTTON, C. 2008. Human diversity and the genealogy of languages: Noah as the founding ancestor of the Chinese. *Language Sciences*, v. 30, n. 5, pp. 512-528.
- LACH, D. 1945. Leibniz and China. *Journal of the History of Ideas*, Pennsylvania, v. 6, n. 4, pp. 436-455.

- LAI, Yuen Ting Tsui. 1982. *Variations on the theme of the philosopher's God: Europe and China*. San Diego: University of California.
- LEE, T. H. C. 1991. *China and Europa: images and influences on sixteenth to eighteenth centuries*. Hong Kong: The Chinese University Press.
- LEIBNIZ, G. W. 1989. *Philosophical essays*. Tradução e edição de: Roger Ariew and Daniel Garber. Indianapolis & Cambridge: Hackett Publishing Company.
- _____. 1921. *Nouveaux Essais sur l'entendement humain*. Paris: Ernest Flammarion.
- _____. 1748. *Lettre sur la philosophie chinoise à M. de Rémond*. Genebra: Fratres de Tournes.
- _____. 2006. *Sämtliche Schriften und Briefe – Zweite Reihe, Erst Band* – Akademie Verlag, Berlin.
- LEPSCHY, G. (Ed). 2014. *History of Linguistics v III: Renaissance and Early Modern Linguistics*. London and New York: Routledge.
- LOOK, B. 2013. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2013/entries/leibniz/>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- MUNGELLO, D. E. 2013. *The great encounter of China and the West, 1500-1800*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- _____. 1985. *Curious Land: Jesuit accommodation and the origins of sinology*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- NORMAN, J. 1988. *Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PATERNICÒ, L. M. Cina. “La Centralità Ritrovata”. 2009. In: *Atti del XII Convegno dell'Associazione Italiana Studi Cinesi, Cagliari. Atas...* Cagliari: AISC, 17-18 settembre 2009. p. 11-22.
- PERKINS, F. 2016. “Leibniz and the Question of Chinese Spinozism”. In: *Colóquio Internacional de filosofia oriental: Leibniz e a China: 300 Anos do Discurso sobre a Teologia Natural dos Chineses*, 2016, Campinas: Unicamp.
- _____. 2009. *Compreender Leibniz*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- _____. 2004. *Leibniz and China: a commerce of light*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PORTER, D. 2001. *Ideographia: The chinese cipher in early Modern Europe*. Stanford: Stanford University Press.
- RAMSEY, R. 2001. China and the Ideal of Order in John Webb's: An Historical Essay... *Journal of the History of Ideas*, Pennsylvania, v. 62, n. 3, pp. 483-503.
- REED, M; DEMATTÈ, P. 2007, *China on paper: european and chinese works from the late sixteenth to the early nineteenth century*, Oxford: Oxford University Press.
- ROSSI, P. 1960. *Clavis Universalis: arti mnemoniche e logica combinatoria da Lullo a Leibniz*. Milano: Riccardo Ricciardi Editore.
- SWETZ, J. 2003. “Leibniz the Yijing, and the Religious Conversion of the Chinese”. In: *Mathematics Magazine*, Pennsylvania, v. 76, n. 4, pp. 276-291.
- SZCZEŚNIAK, B. 1952. “The origin of the chinese language according to Athanasius Kircher's theory”. In: *Journal of the American Oriental Society*, v. 72, n. 1, pp. 21-29.
- TONG, Q. S. 2008. Between knowledge and ‘plagiarism,’ or, how the Chinese language was studied in the West. In: *Language Sciences*, v. 30, n. 5, pp. 499-511.
- VAN KLEY, E. J. 1971. Europe's “discovery” of China and the writing of world history. *The American Historical Review*, v. 76, n. 2, pp. 358-385.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.